



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
 CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS



ARTIGO FINAL - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

**A REPRESENTAÇÃO DE PAIS NA LITERATURA JUVENIL: UMA ANÁLISE
 COMPARADA DE *AÇÚCAR AMARGO* DE LUIZ PUNTEL E *MALALA, A MENINA
 QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA* DE ADRIANA CARRANCA**

Lília Aparecida Pereira da Silva Pires¹

Orientador: Prof. Pedro Afonso Barth

Resumo: *Açúcar Amargo* é uma obra da coleção Vaga-Lume, ambientada no interior de São Paulo, na década de 1980. A história protagonizada por Marta, uma menina que precisa enfrentar um ambiente misógino, que a impede de estudar. Seu pai Pedro, homem cheio de preconceitos em relação às mulheres. Por sua vez, *Malala, a menina que queria ir para a escola* trata-se de uma obra jornalística e literária que conta a história de Malala, endereçando-a para o público juvenil. Malala, para estudar, enfrenta o Talibã e recebe o apoio de seu pai Yousaffzai, que tem uma mente aberta em relação às mulheres. O presente trabalho tem o objetivo de comparar as duas obras, especialmente como as ações dos pais das personagens foram determinantes para as ações de resistência das personagens. Para tanto, usaremos os conceitos de dominação masculina (Bourdieu, 2014), literatura juvenil (Gregorin Filho, 2011, Antunes, 2019), mulher-sujeito e mulher-objeto (Zolin, 2009), entre outros. A comparação permitiu observar que apesar do comportamento dos pais serem opostos, a influência paterna foi fundamental para que Marta e Malala transformassem o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Representação feminina. Dominação masculina. Paternidade.

INTRODUÇÃO

No percurso da nossa história, observamos que mulheres e homens atuaram em diferentes papéis sociais, entretanto o gênero feminino foi estigmatizado como seres inferiores

¹ Aluna do sétimo período de Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa. Número de matrícula: 12011LET256.

e de difícil compreensão. Considerando os avanços e discussões sobre gênero, em que a nossa sociedade tem aceitado algumas mudanças culturais sobre esse sentido, ainda é possível encontrar esferas que definem qual seria o tipo de trabalho para cada gênero tanto feminino quanto masculino. Os textos literários representam e questionam esse comportamento do homem e do mundo. A partir, dessa premissa, o presente artigo faz comparação de *Açúcar Amargo* e de *Malala, a menina que queria ir para a escola*. Um dos principais pontos de análise será a paternidade, ou seja, a representação dos pais das protagonistas. Este tema está em destaque, visto que os pais são presença determinante na trajetória das meninas.

Açúcar Amargo é uma obra ficcional, mas baseada em fatos reais e muito presente na nossa atualidade; conta a história de uma personagem chamada Marta que morava na zona rural e queria estudar. Para ela, a educação seria uma porta para um futuro melhor, porém, vivia sobre o domínio e preconceito paterno, que não aprovava sua decisão em relação aos estudos. O pai da personagem expressava pensamentos misóginos e era exaltador da masculinidade.

Semelhante a história de Marta, encontramos na biografia de *Malala, a menina que queria ir para a escola*, a veracidade de fatos que ocorreram com a adolescente, pois trata-se de uma biografia ficcionalizada de uma pessoa real: a menina Malala Yousafzai. Ela se tornou uma ativista lutando contra o machismo autoritário do seu país e venceu o prêmio Nobel da paz em 2014. Além do Paquistão ter uma cultura machista e rígida, ainda foi dominado pelo grupo extremista Talibã, que proíbe meninas de frequentarem a escola. Malala sempre teve o apoio do pai em seus estudos, ação oposta ao pai de Marta. Apesar do claro teor jornalístico, a obra pode ser considerada como literária pela forma com que os fatos são contados, o cuidado com a linguagem, a forma com que a ilustração amplia os sentidos do texto, entre outras características que podem ser citadas.

Estas duas obras nos guiam em nossa pesquisa, pois argumentamos acerca da importância da paternidade inserida dentro delas, as dicotomias presentes nos comportamentos das personagens Pedro e Sr. Yousafzai, o domínio masculino e como as ações das personagens paternas colaboraram para que Marta e Malala procedem de maneira corajosa em defesa dos direitos e da igualdade dos indivíduos para formação de uma sociedade mais justa.

Temos o objetivo de comparar duas obras com base em um diálogo teórico com Pierre Bourdieu (2014), Benedito Antunes (2019), José Nicolau Gregorin Filho (2011) e Lúcia Osana Zolin (2009). A pesquisa empregou o método exploratório, bibliográfico com abordagem qualitativa (Prodanov; Freitas, 2013). Exploratório, pois aproximamos duas obras distintas, a partir de uma temática comum, especialmente, pelas representações das figuras paternas presentes na textualidade. A abordagem será qualitativa, pois analisaremos as obras a partir de

categorias comparativas: a construção das protagonistas, suas atitudes de resistência e as ações dos seus pais.

O artigo está organizado da seguinte forma: primeiro apresentamos o enredo das obras analisadas e descrevemos as ações e caracterização das protagonistas. Na seção seguinte apresentamos, brevemente, a relação das obras com a literatura juvenil, bem como com o conceito de dominação masculina. Em seguida, na última seção, antes das considerações finais, analisamos o papel dos pais de Marta e Malala como agentes da dominação masculina e como elas conseguiram deixar de serem vistas enquanto objetos.

1 AS MENINAS QUEREM ESTUDAR: APRESENTAÇÃO DAS OBRAS

1.1 Açúcar Amargo

Açúcar Amargo, escrita por Luiz Puntel, publicada em 1986 na coleção Vaga-Lume. Nesta obra, foram abordados assuntos polêmicos como, por exemplo, a luta de classes, no fim da década de 80, tempo em que ainda havia resquícios dos 22 anos da ditadura militar. A protagonista é uma menina de 14 anos chamada Marta, sua família morava em Catanduva, interior de São Paulo, comandada pelo senhor Pedro, homem trabalhador de mãos fortes e autoritário. Na fazenda de laranjas, viviam tranquilamente, comiam o que produziam na horta e nas criações de animais, além da renda que ganhavam na colheita das laranjas. Até que certo dia, apareceu o dono da fazenda pedindo para que a família se retirasse, pois, na fazenda iriam plantar cana-de-açúcar. Assim, a trama tematiza as consequências da monocultura nas relações trabalhistas no campo.

Dessa forma, podemos perceber nesta história que a revolução industrial de combustíveis acontecia, obrigando várias famílias na mesma situação de Marta, a praticarem o êxodo em busca de trabalho. Diante disso, os trabalhadores de lavouras procuravam empregos em outras fazendas, mas o que encontravam eram trabalhos nas plantações de cana-de-açúcar. A intermediação dos contratados a trabalharem para os usineiros eram feitas por agenciadores chamados por “gatos”. Para não pagarem os direitos trabalhistas aos boias-frias, os “gatos” exigiam alta produtividade e obrigavam os trabalhadores a comprarem, além da roupa, suas ferramentas em locais determinados por eles. Também é exposto nesta obra literária o quanto os trabalhadores que faziam a colheita da cana-de-açúcar eram explorados e não havia fiscalização para fazer valer os seus direitos, o sistema fechava os olhos para a segurança e direitos trabalhistas desses operadores de corte de cana, isso para que seus interesses fossem

concretizados de forma rápida, pois os boias-frias eram pagos por quantidade de corte. Por isso, se esforçavam extremamente no trabalho para obter quantidades em toneladas.

Marta era uma adolescente dedicada aos estudos, menina geniosa, forte, sonhadora e idealista, se esforçava nos serviços da casa para ajudar a mãe que era doente. Entretanto, para seu pai estudar era besteira.

- Precisa nada. Estudar é besteira...
- Como besteira!?
- É sim, menina. Você precisa é começar a trabalhar em casa de família, aprender um ofício de faxineira, de arrumadeira, essas coisas...
- E os meus estudos?
- Fica sonhando com estudo, com muita palavra na cabeça e acaba ficando como o filho do compadre Mané, que birutou de vez [...].
- Se o senhor não quiser deixar, eu vou mesmo assim...
- Não vai não, menina.
- Para de me chamar de menina, pai. Eu já sou moça. E é por isso que preciso estudar. Não quero ficar que nem a mãe, que vive amargurada pelos cantos... (Puntel, 2011, p. 38).

O trecho mostra um dos conflitos de Marta com o pai. Para estudar, ela precisava confrontar a mentalidade paterna. Ela dizia que deveria estudar sim, para não ficar como sua mãe, que vivia dentro de casa amargurada pelos cantos, provavelmente, vítima da dominação masculina.

Altair, o irmão, e o senhor Pedro trabalhavam juntos na lavoura. Certo dia, dona Zefa ficou muito doente, e Marta ficou responsável por levantar-se bem cedo para fazer as marmitas dos dois, mas ela se atrasou e, diante disto, eles atrasaram para alcançar a condução que os levariam. Eles iam na combi, mas com o atraso foram de caminhão. No caminho, houve um acidente grave causando a morte de vários trabalhadores, entre esses mortos estava Altair. Pedro sempre culpou Marta pela morte do irmão.

Apesar da obra ser ficcional, ela contém muitos elementos factuais, que realmente ocorreram na época, como este do acidente do caminhão. O acidente que aconteceu em Bebedouro no dia 13 de abril de 1982, matou 20 trabalhadores boias-frias e deixou outros gravemente feridos e em condições de invalidez². Os trabalhadores eram transportados em más condições e acidentes naqueles tempos eram comuns.

Depois deste trágico episódio, a briga entre Marta e Pedro era diária, ele trabalhava o dia inteiro na lavoura de cana e ela ajudava a mãe em casa e estudava à noite. Marta conhece

² Notícias da época estão registradas no jornal Realidade Rural, presente no link: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PRERUSP041982000.pdf> Acesso em: 30 set. 2023.

Agenor por quem se apaixonou, à medida que constrói uma bela amizade com a professora Tânia, uma profissional compreensiva e muito dedicada. A protagonista não aguentava mais os preconceitos do seu pai, então decidiu mostrar seu valor, estudando e trabalhando. Todos os dias chegava em casa muito cansada, a família estava em busca de melhores condições de trabalho e de vida.

O *plot twist* acontece quando um certo mineiro de apelido “Mudinho” vai trabalhar na lavoura de cana, cortava mais cana do que os outros trabalhadores, era admirado até pelo próprio senhor Pedro, mas começaram a persegui-lo, até que ele foi descoberto por uma trabalhadora na lavoura. Ao entrar em luta corporal com a colega de trabalho e ser retirado seu chapéu e seu lenço, Marta é logo descoberta.

Indignada com tanta injustiça, Marta entrou para o sindicato e comandou uma revolução, inclusive com o apoio de Pedro seu pai, que passou a admirá-la e juntamente com ela e os outros trabalhadores organizaram uma greve, para fazer valer os seus direitos por lei e que não eram aplicados pelos fazendeiros, “um pé de cana sozinho, não é nada, juntos somos um canavial [...]”, (Puntel, 2011, p. 67). No confronto com a polícia, pela luta dos direitos à igualdade, Pedro é baleado e vai para o hospital, onde ele e Marta conseguem se perdoar e se abraçam.

Em nossa pesquisa, escolhemos analisar *Açúcar Amargo* de Luiz Puntel, por ser uma obra que traz em sua narrativa a história de uma adolescente madura, sofrida, inteligente e esperta para sua idade, sua maturidade de menina de 14 anos impressiona o leitor, porque sabemos que é raro encontrar adolescentes com tamanha consciência sobre a importância do empoderamento feminino. Como uma boa leitora de livros, Marta colocou como propósito os estudos, neste sentido observamos que a literatura teve um papel fundamental na formação dessa protagonista como cidadã, pois na narrativa podemos observar citações literárias como; menções ao poema “Resíduo” de Carlos Drummond de Andrade, (Puntel, 2000, p. 16), dizeres de João Guimarães Rosa como “ mestre não é quem ensina, mas quem, de repente, aprende” (Puntel, 2000, p. 69), menções a obras como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Pai de Todos*, de Ganymédes José e *A Cara Engraçada do Medo*, de Murilo Carvalho (Puntel, 2000, p. 43-44).

Ao deparar-se com desafios internos e externos, ela foi corajosa para enfrentá-los, pois mesmo com medo, Marta não se intimidou por ser mulher, considerada frágil, inferior ao sexo masculino e ao sistema criado pela sociedade da época. Podemos ver tal enfrentamento tanto quando resolveu confrontar a misoginia e os desaforos do seu pai, quanto no momento em que também encarou as leis sancionadas pelos “gatos” que intermediavam os boias-frias com os

fazendeiros. Como se não bastasse isso, também dirigiu o comando de uma revolução trabalhista no qual mobilizou os trabalhadores a uma greve para que seus direitos fossem concretizados. As armas de Marta foram o conhecimento e as palavras.

1.2 Malala, a menina que queria ir para a escola

Escrita por Adriana Carranca, *Malala, a menina que queria ir para a escola* publicada em 2015. As ilustrações foram feitas por Bruna Assis Brasil. A obra foi a vencedora do Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 2016, nas categorias “Melhor livro informativo” e “Escritora revelação”. As ilustrações são muito coerentes com o público visado, trazem imagens dos costumes locais no contexto histórico da região e dialogam com a narração descrita no texto de maneira simples e objetiva.

Adriana Carranca é uma jornalista especialista em cobertura internacional. Em uma dessas coberturas, resolveu ir por conta própria ao Paquistão, com o objetivo de conhecer de perto a história de Malala Yousaffzai: “Atravessei meio mundo com uma missão: descobrir o que aconteceu de verdade com a menina chamada Malala Yousaffzai e porque ela estava sendo perseguida. Eu recebi uma missão porque é isso que os jornalistas fazem: investigam, bisbilhotam tudo, plantam perguntas e colhem histórias [...]”, (Carranca, 2015, p. 7). Dessa forma, a autora colheu dados para posteriormente escrever a história de Malala voltada ao público juvenil.

Malala e sua família moravam no vale do Swat que fica no Paquistão, um país tomado pelo regime Talibã que impõe suas próprias leis, e uma delas é que as meninas são proibidas de irem para a escola. “Livro só escondido. No caminho para a escola havia muitos perigos. Riscos inimagináveis de morte” (Carranca, 2015, p. 9). Assim, o acesso à leitura e aos livros era completamente proibido às meninas. Apesar de morar neste país tomado por um regime autoritário, a protagonista tinha sonhos de estudar e ser médica. Até então, em seu país, as mulheres só podiam escolher entre duas profissões: a de medicina ou a de professora.

O pai de Malala, o senhor Ziauddin Yousaffzai era o dono da escola de meninas, ele era um senhor que não tinha medo de enfrentar as leis impostas pelo Talibã. Yousaffzai cresceu e viveu em uma cultura onde todo e qualquer tipo de preconceitos contra mulheres prevaleciam, mas ele nadava contra essa correnteza, sempre apoiou Malala para que ela realizasse seus sonhos, abriu até uma escola de meninas para que elas aprendessem ler e escrever.

Ziauddin era um homem justo e dava à filha os mesmos direitos que conferia aos filhos. `Os meninos (Atal e Khushaul) se sentavam no colo do pai, e Malala ao lado deles. Depois de alguns minutos com a família a pessoa que deixava uma impressão mais forte em você era ela. As meninas da nossa sociedade são muitas vezes intimidadas. Elas não falam, não dividem seus sonhos, aspirações e ambições, pois suas vidas são definidas pelos pais e elas não têm escolhas [...] Malala era diferente. (Carranca, 2015, p. 30-31)

Assim, a relação entre pai e filho permitia o florescimento da autonomia de Malala. Mesmo quando o Talibã proibiu que as escolas funcionassem, Yousaffzai deu todo apoio para que Malala montasse um blog e contasse ao mundo o que estava acontecendo por lá. Seu pseudônimo era Gulmakai, Malala tinha 11 anos e escrevia os desafios que as garotas enfrentavam para conseguir ir para estudar no vale do Swat. As famílias do vale tiveram que sair de seus lares, pois o Talibã invadia as casas. Tempos depois, retornaram e as meninas voltaram a frequentar a escola novamente. Porém, Malala estava com pressentimentos ruins e tendo sonhos terríveis com o Talibã.

A virada de chave para a história de Malala aconteceu quando, ela voltava da escola para casa e foi alvejada na cabeça por um atirador do grupo Talibã. Malala ficou entre a vida e a morte, porém essa brutalidade não calou a estudante, serviu para que sua causa se estendesse em larga escala nos quatro cantos do mundo, essa notícia avançou internacionalmente e Malala virou símbolo da luta pela educação das garotas.

Assim, também escolhemos para a nossa análise a obra *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca. Como citamos anteriormente, Malala era uma adolescente inteligente, determinada e forte, morava no vale do Swat, um lugar onde o ódio e o desprezo do gênero masculino sobre o feminino eram considerados atos culturais, isso significa, que onde ela morava essas eram atitudes normais, ou seja, a mulher não tinha nenhum valor. Entretanto, Malala não se conformava com isso, tendo um pai que era contra essas práticas culturais. Malala pôde ir para a escola, que, aliás, era do seu pai, Malala também era uma adolescente de maturidade ímpar, gostava de estudar, de ler, tanto que na obra encontramos poesias e nomes de livros literários citados. Uma menina que não teve receio de publicar em um blog as barbáries que o exército Talibã cometia em seu país.

Uma adolescente com cabeça de mulher plena que incomodou um exército de homens misóginos, usando também apenas as duas armas, livros e palavras. Assim, a partir das suas lutas contra a dominação masculina, aproximamos as duas personagens, Marta e Malala.

2 A REPRESENTAÇÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA NA LITERATURA JUVENIL

As principais bases teóricas de nossa pesquisa são os conceitos de Literatura Juvenil e Dominação Masculina. Para tanto, dialogaremos com o livro *A Literatura Juvenil Na Escola*, de Benedito Antunes (2019). A obra reúne seis ensaios que abordam a literatura juvenil, dentre eles está o ensaio da obra *Açúcar Amargo*. Estão presentes neste livro alguns aspectos do ensino da literatura associado à discussão do conceito de literatura juvenil (Antunes, p.11). Da mesma forma, incluímos o livro *Literatura Juvenil, Adolescência, Cultura na Formação de Leitores*, de José Nicolau Gregorin Filho, que nos traz o conceito de literatura juvenil através do contexto histórico. Para a discussão sobre a representação feminina e a dominação masculina mobilizaremos os referenciais de Lúcia Osana Zolin (2009), que apresenta operadores de análise da crítica feminista e a obra *A Dominação Masculina*, do sociólogo Pierre Bourdieu (2013), em que encontramos um texto pertinente no que se refere ao domínio da masculinidade sobre a feminilidade, além de definições sobre o domínio sobre a parte biológica e a parte psíquica.

2.1 Literatura Juvenil

A literatura revela a nossa humanidade, nela podemos observar ao longo da história as mudanças do comportamento do ser humano, as funções sociais e os aspectos culturais. Ela é a arte em forma de palavras, o alicerce na construção do homem enquanto sujeito. Por ter essa importância, torna-se fundamental pensar na presença da literatura na formação humana (Candido, 2002). Nesse sentido, é importante pensar nas produções literárias voltadas para os jovens. Assim, Gregorin Filho apresenta que

Literatura feita para o jovem da atualidade está vinculada à arte, isto é, ao mesmo tempo em que traz à tona as discussões de valores sociais, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses valores, seja por meio de múltiplas linguagens, seja por intermédio das atuais formas de suporte para que essa arte seja veiculada [...], (Gregorin Filho, 2011, p. 38).

Nos textos literários encontramos filosofias de vida que podem nos auxiliar na nossa própria compreensão, ao mesmo tempo em que compreendemos as diversas dinâmicas sociais do mundo. Por isso, é fundamental a formação de leitores, apresentar obras literárias para a

juventude na escola. Dessa forma, Antunes descreve que a presença da literatura na escola sempre trouxe pontos de tensão, pois

enquanto que de um lado, a função formadora que todos reconhecem nela tem motivado sua inserção nos currículos, de outro, o uso propriamente pedagógico que essa função enseja parece conspurcar seu valor estético. Essa tensão se agrava ainda mais quando obras criadas especialmente para fins pedagógicos, isto é, para estimular a leitura e a formação de crianças e jovens, aspiram a condição literária [...], (Antunes, 2019 p.11).

Quando o leitor se deixa absorver por uma obra literária, ele consegue estimular sua criticidade, curiosidade, conhecimento sobre outras culturas, políticas, transformações sociais e fatos históricos. Esse envolvimento o faz enxergar o mundo de maneira diferente sabendo relacionar o passado com o presente. Por este motivo, a escola é o caminho para a formação de leitores que vão fazer suas próprias críticas e opiniões sobre a realidade do mundo e da sociedade.

Embora haja avanços tecnológicos no campo literário, no qual podemos encontrar livros digitais e interativos, os professores têm encontrado dificuldade de persuadir os alunos no envolvimento e absorção da leitura, já que “muitos professores reclamam da pouca habilidade de argumentação de seus alunos na etapa da adolescência” (Gregorin Filho, 2011, p. 72). Contudo, a participação dos alunos de forma interativa com o texto designado pelo professor é essencial, pois a presença da leitura literária na escola pode trazer importantes contribuições “para a ampliação da competência argumentativa se as atividades forem bem exploradas e se o jovem tiver direito a voz, de comentar e emitir suas impressões sobre as obras lidas, de maneira espontânea e com atitude colaborativa do professor” [...], (Gregorin Filho, 2011, p. 72).

Açúcar Amargo e *Malala, a menina que queria ir para à escola* são obras endereçadas para o público juvenil. Ambas possuem relação bastante explícita com eventos da realidade: a trama ficcional da obra de Luiz Puntel foi inspirada em fatos reais e Malala é uma personagem real, cuja vida foi contada pela visão lúdica por Adriana Carranca e pelas ilustrações de Bruna Assis Brasil.

A obra *Açúcar Amargo* de Luiz Puntel conta a história de Marta, a partir de um evento histórico real, e nos propõe de forma surpreendente o quanto a literatura é formadora de cidadãos. Trata-se de uma obra endereçada para os jovens. Primeiramente, porque a protagonista é uma adolescente, que está passando por mudanças – tanto externas, sendo pressionada pelo pai para largar os estudos por exemplo, quanto internas, o seu amadurecimento físico e mental. Em segundo lugar, porque foi uma obra publicada na coleção Vaga-lume,

coleção pensada e dirigida para as escolas brasileiras, especialmente, para leitores jovens. Assim, o projeto gráfico-editorial, os paratextos, os materiais de apoio são endereçados a esse público. Além disso, como apontam Maria de Lurdes Marcelino da Silva e Altamir Botoso (2021) no artigo “Resistência e transformação e suas estratégias em *Açúcar Amargo* e *Meninos sem Pátria* de Luiz Puntel” a obra apresenta o tema da resistência às estruturas de poder, de forma adequada e atraente para jovens.

Entretanto, não são todos os pesquisadores que apontam qualidade na obra de Luiz Puntel. Benedito Antunes (2019), importante crítico da literatura juvenil, aponta que a obra *Açúcar Amargo* é um livro ruim, pois “[...]. Além de ser mal escrito, apresenta problemas na estrutura da narrativa. Esses defeitos, fatais para qualquer texto que se pretenda literário, são agravados pela intenção explícita do autor, que é fazer literatura de denúncia.” (2019, p. 22), para ele a personagem Marta e suas motivações são gratuitas e a sua escrita é muito direta e pouco estética. Além disso, o autor faz críticas sobre as referências do corpo literário contidos no texto como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa e Camões. Entretanto, torna-se possível considerar a pertinência das citações literárias e da trajetória de Marta, pois a personagem é uma estudante dedicada e quer colocar os estudos em primeiro lugar da sua trajetória, então é normal e pertinente que esses textos literários estejam inseridos na obra, pois a protagonista se inspira na literatura trazendo a importância dela na nossa história.

Entretanto, mesmo com as suas contundentes críticas, Antunes descreve qualidades na obra. O pesquisador aponta que o livro pode funcionar como instrumento de aprendizagem literária pois “o livro possui uma boa história, ambientada em espaço contemporâneo, e aborda questões atuais e muito próximas de uma grande faixa de alunos da educação básica. É dessa perspectiva que pode ser valorizado [...]”, (Antunes, p. 22). Assim, em uma pesquisa com alunos diretamente foi constatado o forte interesse dos jovens estudantes na trama. Dessa forma, a ambientação rural, a misoginia, as revoluções trabalhistas presentes na obra, nos revela o impacto das mudanças sociais na vida dos seres humanos e despertam o interesse de jovens leitores.

O livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, é uma obra juvenil que conta a história verdadeira de uma adolescente paquistanesa que gostava de brincar, ver seus programas preferidos na televisão, ler e cantarolar, mas que em algum momento teve que lutar contra o Talibã em defesa da educação para meninas. A articulação da narrativa encontra-se bem elaborada, ela passa por uma linha de tempo do nascimento, da infância e adolescência de Malala. Além disso, as ilustrações contidas no livro apresentam uma mistura de artes gráficas

com fotografias coloridas fazendo o leitor conhecer de maneira visual e escrita a cultura e costumes de outro país. Mesmo sendo uma criança, Malala possuía domínio de uma argumentação em sua própria defesa e na defesa de outras meninas que queriam ir para a escola, ela olhava para as outras adolescentes com sororidade e ao mesmo tempo as influenciava de que tinham que lutar pelos seus sonhos.

Reparamos que o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola* é uma obra juvenil que pode ajudar na construção de identidades tanto para meninas quanto para meninos. Para as meninas, a obra traz uma reflexão de que elas podem se transformarem em mulheres seguras de si e encarar as adversidades com força e coragem desempenhando um papel importante na mudança de mundo. E para os meninos, vem com uma quebra de estigma em relação a fragilidade feminina, eles podem a partir disso entender que devem tratá-las com respeito e igualdade, e, que elas podem tanto quanto eles, desconstruindo a ideia da dominação masculina imposta pela sociedade (Bourdieu, 2014).

2.2 Representação de meninas na Literatura Juvenil – A dominação masculina

Durante toda trajetória histórica da ordem do mundo, a concepção da dominação masculina criou a ideia de inferiorização da mulher em relação ao homem, em vários aspectos cotidianos que passam despercebidos aos nossos olhos (Bourdieu, 2014). Nos deparamos com visões androcêntricas em vários ambientes sociais como na escola, no trabalho, no ambiente político, o que coloca o gênero masculino no centro de todas as coisas; nas atividades, nas roupas, nas cores, nas profissões e também na natureza. Esse machismo estrutural é incorporado pela sociedade de maneira cultural e simbólica.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação feminino [...], (Bourdieu, 2014, p. 18).

As protagonistas Marta e Malala viviam em ambiente de misoginia e dominação masculina, mas isso não foi empecilho para que elas lutassem pelos seus propósitos e pelos propósitos alheios. Marta convivia com o preconceito dentro de casa pelo próprio pai, que

culpava a filha pelos problemas de saúde da mãe, pela morte do filho e por ter nascido mulher e não homem para poder ajudá-lo no trabalho braçal. Se Marta já tinha problemas com o pai, a morte de Altair, seu irmão, piorou ainda mais o relacionamento de pai e filha. Para o senhor Pedro, Marta tinha que deixar a escola e ir trabalhar de empregada doméstica, pois a economia do lar estava comprometida.

Além disso, a obra nos mostra a evasão escolar por parte da personagem Altair, irmão de Marta. Quando em uma das discussões com seu pai, Marta diz: “o senhor tirou o Altair cedo da escola, dizendo que o trabalho dignifica e enobrece o homem [...]”, (Puntel, 2011, p. 38). Isso porque para o senhor Pedro a escola não era ambiente bom para meninas, pois para ele a escola só ensinava coisas que não “prestava”. A princípio, Marta não tinha o apoio de sua mãe, dona Zefa, pois a mesma também vivia sobre o domínio dos poderes masculinos do senhor Pedro. Tal aspecto é convergente com o que é apontado por Gregorin Filho

Nas sociedades mais antigas, o indivíduo entrava na vida adulta por meio do enfrentamento de rituais de passagem muitas vezes violentos, isto é, bastava alcançar determinada condição física (ou idade) e certas competências para o convívio social e interagir satisfatoriamente com o meio ambiente para que lhe fossem atribuídas tarefas típicas de fazer adultos. Superadas essas tarefas, o jovem estava pronto para assumir sua nova condição social: trabalhar, escolher um companheiro ou companheira e continuar sua vida participando das decisões mais complexas da comunidade [...], (Gregorin Filho, 2011, p.13).

Quando Marta se vestiu de homem e foi trabalhar no corte de cana recebeu o apelido de mudinho, ela conseguia extrair mais cana do que os demais trabalhadores, ela ouvia reclamações do baixo salário das mulheres que trabalhavam mais ou igual aos homens. Quando a identidade de mudinho foi revelada, Marta viu isso acontecer com ela, pois o gato encarregado de fazer o pagamento dos boias-frias pagou a ela um valor inferior do que ela recebeu quando estava fantasiada de homem. Isso a irritou bastante, neste sentido cresceu dentro dela uma vontade grande de fazer justiça.

A personagem Malala que vivia em um país onde a misoginia prevalece, onde o nascimento de uma menina não é motivo de comemoração como o nascimento de um menino, um país onde as meninas são criadas para casar e servir seus maridos e filhos a vida toda, sem o direito de aprender a ler e escrever. Ao contrário de Marta, Malala sempre teve o apoio do seu pai, o senhor Ziauddin Yousaffzai, um homem que se posicionava contra todos os preconceitos femininos do seu país, sendo dono de uma escola somente para meninas. Quando Malala nasceu, ele fez todas as comemorações, as mesmas de quando nasce um menino, indo contra todos os princípios culturais do seu país.

Ao contrário do senhor Pedro, Yousaffzai sempre apoiou sua filha em seus estudos e suas decisões até mesmo quando Malala foi convidada a montar um blog para divulgar ao mundo o domínio do grupo Talibã no Paquistão através dela muitas meninas tiveram o direito de ir para a escola.

3 A INFLUÊNCIA DOS PAIS DE MARTA E MALALA EM SUAS POSTURAS

Nas duas obras observamos o quão importante foi a influência dos pais na vida dessas adolescentes, apesar da dicotomia de pensamentos entre eles. Vale lembrar que mesmo nos defeitos podemos tirar as partes positivas deles e transformá-las em virtude, neste caso os defeitos de Pedro, pai da adolescente Marta, construíram uma menina valente, as falas preconceituosas e seu negacionismo mediante a educação escolar da filha, não foram suficientes para que ela desistisse dos seus sonhos, muito pelo contrário, funcionou como incentivo e a vontade de mostrar para seu pai que mulher pode ir muito além do que ele imaginava. Na década de 80, quando ocorreu a história, nosso país já não proibia meninas de estudarem, mas Pedro carregava dentro de si a cultura arcaica de que lugar de mulher era no fogão.

Pedro era carrancudo, ignorante e misógino, entretanto era também trabalhador, sofrido pelas desigualdades sociais e protetor de sua família. Mesmo Pedro tendo vivido e carregado dentro de si uma cultura em que as mulheres eram diminuídas pela sociedade masculina pelo simples fato de serem mulheres, mesmo brigando com Marta todos os dias e dizendo que trabalho de mulher é na faxina, estudar era besteira, essas frases aumentavam dentro dela o desejo de justiça e de revolta, mas uma revolta boa, tão boa que ela teve a coragem de se vestir de homem e ir trabalhar no mesmo ambiente que seu pai, que pôde ver e admirar com seus próprios olhos a força do “Mudinho”, depois lutou ao lado dela pela mesma causa trabalhista. Neste sentido, Pedro um homem forte e trabalhador construiu uma filha mulher forte e corajosa.

Quando foi revelada a verdadeira identidade de Mudinho, o senhor Pedro ficou atônito, sem palavras. Marta tratou logo de se explicar. Não era o que ela queria para ser tratada com igualdade e respeito, mas teve que provar para o pai que as mulheres trabalham tão bem quanto os homens. Isso pode ser visto no seguinte trecho: “- Eu queria mostrar para o senhor, seu Pedro – Marta respondeu, voltando-se em direção ao pai –, que as mulheres fazem o mesmo serviço que os homens e até melhor... [..]” (Puntel, 2011, p. 75). Assim, no enfrentamento das ideias de seu pai, Marta precisou de aceitação no universo do trabalho:

Ela só é aceita no universo masculino quando se disfarça de homem. Ainda nesse caso, ficam valendo as leis do patriarcado, que beneficiam somente os homens. Marta abre mão de sua identidade e assume uma outra, bem diferente da sua, para poder viver um mundo regido por leis machistas (SILVA, BOTOSO, 2021, p. 207).

Marta para enfrentar a dominação masculina precisou se masculinizar para ser respeitada. Entretanto, em um segundo momento, Marta aceita a sua feminilidade e é a partir dela que fará a sua resistência. Tal aspecto pode ser relacionado com as transformações que a nossa sociedade passou a ter com a presença da mulher no mercado de trabalho.

Quanto ao pai de Malala, o senhor Yousaffzai, é o oposto de Pedro, pois não permitiu que sua filha fosse mais uma das mulheres de seu país que por preconceito estrutural em relação a elas seguiam/seguem o curso da vida na ignorância sem saber ler e escrever. Ao contrário, sempre a incentivou desde pequena, mostrando o valor da mulher, tanto que abriu uma escola somente para meninas. Malala gostava muito de ler, por isso quando ela falava, todos a ouviam. Yousaffzai gostava de discutir política com Malala, porque ela expressava suas próprias opiniões.

Yousaffzai é corajoso, homem de grande coração, sem preconceito nenhum principalmente quando se tratava das mulheres. Também é um pai que negou carregar para si os costumes culturais de sua etnia em que mulheres só servem para se casar e cuidar dos filhos e do marido, sem ter direito a educação e conhecimento, não quis isso para sua filha, e nem para as futuras mulheres do seu país. Sendo assim influenciou Malala a lutar por esses direitos. Quando a filha foi alvo de perseguição, Yousaffzai conhecia bem o poder e o modelo militar do Talibã, e em um certo momento temeu pela vida da filha, porém não imaginava o poder da influência de Malala, que comparado a questão militar foi capaz de abalar a estrutura do Talibã, apesar de quase perder a vida com o tiro que deram em sua cabeça.

Dessa forma, percebemos que o desejo de Yousaffzai de mudar a história sobre as mulheres do seu país, começou pelo lugar certo que é dentro de sua própria casa. De casa para o mundo, pois quando resolveu inserir a filha neste propósito, ele não sabia a dimensão que essa ideia iria tomar. Tal aspecto é convergente ao que Silva e Botoso apontam:

É somente através de estratégias de resistência [é possível] transformar a realidade e [...] mudar o curso de suas existências conseguindo vencer as forças opressoras que lhe cerceavam a liberdade e os impediam de ser felizes e se sentirem integrados a uma comunidade, que os aceitasse, acolhesse e validasse as suas ações (Silva, Botoso, 2021, p. 213).

Tais estratégias de resistência foram possíveis para Malala por meio do exemplo de seu pai. Desde que Malala nasceu Yousaffzai a incentivou muito a sua independência. O nascimento de uma menina gerou frustrações nas famílias paquistanesas, mas ele não seguiu tal costume, fazendo celebrações pelo nascimento de Malala, mesmo sendo menina, e também ensinou Malala a ler e escrever. Assim, Malala não se sentia inferiorizada obtendo meios de resistir à opressão presente em seu país, porque Yousaffzai sempre encorajou a filha, isso não quer dizer que ela não tinha medo, é que Malala não se rendia ao medo e os encarava de frente.

As posturas de enfrentamento e resistência de Marta e Malala foram produtos da influência de seus pais. Utilizando conceitos da crítica feminista é possível dizer que as meninas saíram de uma postura de mulher-objeto para mulher-sujeito. Lúcia Osana Zolin define os termos da seguinte forma:

Categories utilizadas para caracterizar as tintas do comportamento feminino em face dos parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal: a *mulher-sujeito* é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação, oposição; enquanto a *mulher-objeto* define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz. (Zolin, 2009, p. 219).

As personagens Marta e Malala viveram em um ambiente que as colocava como única possibilidade ser mulher-objeto. Na família de Marta o exemplo que observamos é o de sua mãe, proibida de trabalhar fora de casa e cuidava dos afazeres domésticos, essa condição não agrega valores a mulher, pois a dona de casa é vista como indivíduo que não faz nada, não tem valorização, está invisibilizada. Marta se recusava ter o mesmo destino quando dizia: “Não quero ficar que nem a mãe, que vive amargurada pelos cantos [...]”, (Puntel, 2011, p. 38).

No ambiente em que Malala vivia não era diferente, podemos perceber essa representação na narração de Carranca sobre o casal Razia e Sana.

Aimun, de catorze anos, era a filha mais velha e mais calada. Parecia uma menina triste. Razia me contou que ela e o marido tinham recebido três pedidos de casamento para a filha, porque as meninas do vale se casam muito cedo. Razia é analfabeta e se casou com Sana aos quinze anos. Mas Aimun não queria se casar jovem, como a mãe. Assim como Malala ela queria ir para a escola [...] (Carranca, 2014, p. 27).

No vale os meninos sempre saíam para brincar, as meninas ficavam em casa ajudando a mãe no trabalho de casa, isso significa que elas eram preparadas culturalmente para servir. O casamento seria a única certeza na vida destas meninas.

Assim, podemos observar que Marta e Malala negaram esse estruturalismo cultural de mulher-objeto, condicionado e aceito pelo ambiente onde viviam, agindo ativamente e construindo uma postura de mulher-sujeito (Zolin, 2009). Isso acontece quando decidem lutar por justiça, pela igualdade de direitos e especialmente pelo direito à educação: “- Eu tenho direito à educação. Eu tenho direito de brincar. Eu tenho direito de cantar. Eu tenho direito de falar – disse Malala a uma rede de TV internacional. Suas palavras foram ouvidas em todo canto do mundo [...] (Carranca, 2014, p. 55). Malala tornou-se protagonista da sua vida e por seu exemplo aponta uma direção de autonomia e independência para as meninas. Atitude parecida com a da corajosa Marta, que no contexto do interior de São Paulo na década de oitenta ousou ser uma mulher, que trabalha, estuda e luta pelos direitos trabalhistas:

Quando terminou, ela subiu no para-choque do caminhão. Segurando nas pontas do avental, Marta ergueu os braços, acima da cabeça, desfraldando a faixa improvisada. E, naquela bandeira adaptada, todos puderam ler o que Marta escrevera com o batom de Ângela. UNIDOS SOMOS FORTES COMO UM CANAVIAL [...], (Puntel 2011, p. 89).

Assim, cada uma das personagens trouxe novas significações aos exemplos e influências de seus pais, saindo de uma condição de objetificação, para conseguir ter uma existência enquanto sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi a comparação de duas obras da literatura juvenil a partir de um diálogo teórico com Pierre Bourdieu (2014), Benedito Antunes (2019), José Nicolau Gregorin Filho (2011) e Lúcia Osana Zolin (2009). O nosso foco foi comparar a dominação masculina presente nos contextos sociais das personagens Marta e Malala e de como o relacionamento com os seus pais foi fundamental para a criação de estratégias de resistência e fortalecimento de seu empoderamento enquanto mulheres.

Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da nossa pesquisa, podemos indicar que o objetivo proposto foi alcançado, através do presente estudo focalizado por meio das duas obras usando o método exploratório analisamos a influência da figura paterna no direcionamento das decisões tomadas pelas personagens Marta e Malala. No que se refere aos resultados obtidos em nossa pesquisa destaca-se a resistência das personagens em favor do senso de justiça e igualdade de gênero. No decorrer deste artigo também observamos como

resultado que a literatura foi uma ferramenta usada pelas meninas contribuiu para que elas chegassem aos seus objetivos de independência. Reparamos em nossa discussão prévia sobre a dominação masculina, a atuação da mesma de maneira diferente em várias etnias culturais.

Encontramos em nossa pesquisa o diferencial de analisar a figura paterna na influência no desenvolvimento de meninas. Nosso artigo pode contribuir para outros leitores que tenham interesse teórico na pesquisa sobre a dominação masculina e a sororidade feminina, também contribui para a prática social em que os meninos saibam que as meninas podem tanto quanto eles e que as meninas que se depararem com algum aspecto de cunho preconceituoso ou opressor saibam que podem se tornarem mulheres empoderadas. A leitura pode contribuir de maneira eficaz na formação de leitores, levando o indivíduo a conhecimentos culturais significativos para seu conhecimento de mundo, e principalmente contribui com a construção identitária do indivíduo para que ele aprenda a refletir sobre as questões sociais, políticas e históricas. A leitura crítica de obras como *Açúcar Amargo* e *Malala, a menina que queria ir para a escola* tem muitas contribuições nesse sentido.

A obra *Açúcar Amargo* de Luiz Puntel, além de trazer fatos históricos reais relacionados a nossa sociedade, traz também a narrativa fictícia de uma família que subsistiu as mudanças do causadas pelo sistema industrial. Trazendo como ponto principal da narrativa a resistência de uma menina de 14 anos para enfrentar o machismo que havia na sociedade e em casa. Dessa forma o autor expõe suas críticas na sociedade e no sistema criado pelo governo, pelos fazendeiros e pelos funcionários contratados por eles para cometerem suas injustiças com as pessoas sem privilégio.

Em *Malala, a menina que queria ir para a escola* de Adriana Carranca, que é de narrativa totalmente real de uma família que fugia de um grupo opressor chamado Talibã. O principal foco da narrativa é a coragem de uma menina de apenas 11 anos, que contava com o apoio de seu pai para mudar o mundo, e, para isso entrou em conflito com o este grupo Talibã, saindo vitoriosa apesar de ser ferida brutalmente. A obra pode contribuir para que meninas aprendam a lutarem pelos seus direitos e serem solidárias com outras meninas, no intuito de salvar.

Em nossas buscas para nos guiar em nosso estudo sobre a abordagem na comparação das personagens pais e sua influência nas filhas, não encontramos nenhum artigo com essa temática que pudéssemos colher informações para nosso trabalho. Portanto, esperamos que este artigo contribua para futuras pesquisas sobre nosso tema aqui presente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. **A literatura Juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Editora Bestbolso, 2014.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. Ilustrações de Bruna Assis Brasil. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2015.

CANDIDO, Antonio. A literatura e formação do homem. In: **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora, 2002.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Juvenil: Adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

PUNTEL, Luiz. **Açúcar amargo**. Ilustrações de Jô Fevereiro. São Paulo: Ática, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia de trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Maria de Lourdes Marcelino. BOTOSO, Altamir. Resistência e transformação e suas estratégias em *Açúcar Amargo* e *Meninos sem Pátria* de Luiz Puntel. In: MAGALHÃES, Maria do Socorro Rio. ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. **Livro Infantil: arte, mercado, ensino**. Jundiaí SP: Paco Editorial, 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá, PR: Eduem, 2009, p. 217-242.